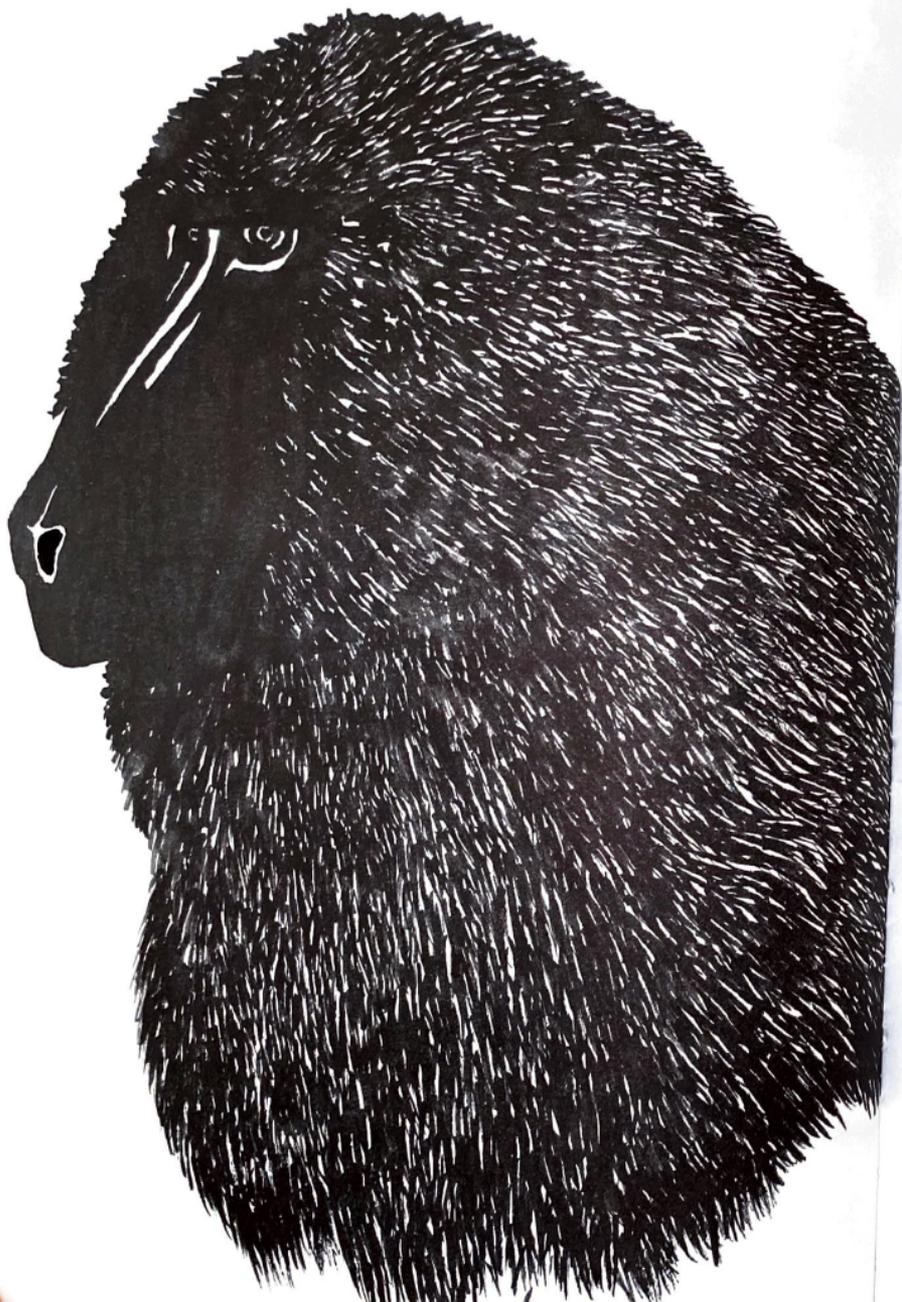


H

de

Hierarquia

**A dominância
dos machos
não seria um mito?**



O site France Loups,¹ consultado no fim de setembro de 2011, estima que uma alcateia de lobos

é frequentemente constituída de um casal dominante que exerce o papel de chefes do grupo. Eles são chamados de macho alfa e fêmea alfa. É o casal dominante que toma todas as decisões para a sobrevivência da alcateia, movimentos de caça, demarcação e território. O casal alfa é o único a se reproduzir. Os próximos na ordem hierárquica são os betas. Eles tomarão o lugar do casal alfa em caso de problema para a alcateia (por exemplo, morte dos alfas). Em seguida, vêm os lobos ômegas, posição muito pouco cobiçada numa alcateia, pois sofrem agressões contínuas e diárias. Em função de sua posição no ranking, os ômegas são os últimos a comer a presa morta pela alcateia.

Pode-se encontrar uma descrição bastante semelhante dessa organização na literatura dos anos 1960 dedicada aos babuínos. O primatólogo Sherwood Washburn afirmava que

as principais características da organização dos babuínos derivam de um modelo complexo de dominância entre os machos adultos

¹ Ver: franceloups.fr [em tradução livre, "França Lobos" – N. T.].

que geralmente garante a estabilidade e uma relativa paz no grupo, o máximo de proteção para as mães e os filhotes e uma maior probabilidade de que estes provenham de machos em posições mais elevadas na hierarquia.

Essa descrição é quase igual à anterior, a não ser por alguns detalhes. Assim, dentre os especialistas em babuínos, por exemplo, os pesquisadores insistem no papel dos dominantes na defesa do bando. A primatóloga Alison Jolly, que em 1972 conduziu uma revisão das pesquisas, ressalta que essa é uma prerrogativa dos machos que ocupam as posições mais elevadas e constitui, inclusive, o sinal mais claro de sua dominância: "Quando um bando de babuínos das savanas encontra um grande felino, retira-se em formação de batalha: fêmeas e jovens primeiro e, em seguida, machos mais velhos, com seus enormes caninos, interpondo-se entre o bando e o perigo".² Entretanto – Jolly conclui –, esse incrível modelo de organização conta com uma exceção: os babuínos da floresta de Ishasha, em Uganda, observados pela primatóloga Thelma Rowell, fogem na maior desordem quando avistam predadores, cada qual segundo suas capacidades de velocidade, ou seja: os machos muito na frente e as fêmeas, carregadas de filhotes, arrastando-se atrás.³

Essa flagrante falta de heroísmo – como descreverá a própria Thelma Rowell – era, na verdade, apenas uma dentre outras excentricidades no comportamento desses babuínos específicos: os babuínos de Ishasha não conheciam a hierarquia. Nenhum macho dominava os outros nem parecia poder garantir os privilégios ligados a ranking. Muito pelo contrário: no bando imperava uma atmosfera pacífica, as agressões eram raras e os machos pareciam

² Alison Jolly, *The Evolution of Primate Behavior*. New York: Macmillan, 1972.

³ Sobre a questão da dominância, um dossiê foi organizado retomando o estado da controvérsia no início dos anos 1980 por Irwin Bernstein, "Dominance: The Baby and the Bathwater". *The Behavioral and Brain Sciences*, v. 4, n. 3, 1981, pp. 419–57.

muito mais inclinados a cooperar do que a manter a competição que reina nos outros grupos. A primatóloga relata uma observação ainda mais desconcertante: parecia não haver hierarquia entre machos e fêmeas.⁴

Os dados foram recebidos com ceticismo pelos colegas. Nenhum babuíno jamais havia se comportado assim, de modo que os de Ishasha constituíam uma infeliz exceção na bela ordem que a natureza oferecera aos babuínos. Tinha de haver uma explicação. Acabaram encontrando uma que não incomodaria ninguém, nem a primatóloga que "teria observado mal" nem os babuínos que não seriam verdadeiros: algo que acontecera no início dos anos 1960 com os babuínos chacma [*Papio ursinus*] da África do Sul. Estes haviam pagado caro por sua audácia. Seu observador, Ronald Hall, relatara à época que os babuínos que observava não eram hierarquizados. E eles foram excluídos da espécie: não eram babuínos! Foi encontrada uma solução menos radical para as excentricidades dos babuínos de Ishasha; concluiu-se que provavelmente advinham de condições ecológicas excepcionais de que esses babuínos sempre se haviam beneficiado – nesse caso, da floresta, verdadeiro paraíso terrestre, com suas árvores oferecendo abrigo contra os predadores, lugares para dormir e, sobretudo, alimento em abundância. O mito do paraíso terrestre e da queda nunca está longe do mito de origem que os babuínos deveriam ajudar a reconstruir: por terem permanecido nas árvores, os babuínos de Ishasha não haviam realizado o salto evolutivo que seus congêneres das savanas aceitaram dar. Como todo progresso tem um preço, estes últimos pagaram muito

⁴ A filósofa Donna Haraway trabalhou muito a questão da hierarquia, e seus escritos me inspiraram: D. Haraway, "Animal Sociology and a Natural Economy of the Body Politic, part 1: A Political Physiology of Dominance", in Elizabeth Abel e Emily Abel (org.), *The Signs Reader: Women, Gender and Scholarship*. Chicago: Chicago University Press, 1983, pp. 123–38. Ela retoma essas questões e as aprofunda em seu livro *Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. London: Verso, 1992.

mais caro, engendrando uma competição intensa que os conduziu a uma organização muito hierarquizada. Embora marginalizasse os babuínos de Ishasha, tal explicação ecológica possibilitou que eles continuassem pertencendo à espécie dos babuínos e creditou a pesquisadora por suas observações. Com os problemas resolvidos, as pesquisas continuaram, então, a acumular provas da universalidade da organização hierárquica dos babuínos das savanas – e de muitas outras espécies.

Nesse ponto, o modelo tinha se tornado tão incontornável que determinava, em cada campo, a primeira pergunta da investigação. Esta devia começar pela descoberta da hierarquia e pelo estabelecimento da posição de cada indivíduo nela. E, quando a hierarquia não aparecia, os pesquisadores recorriam então a um conceito muito conveniente para preencher o vazio factual: o de “dominância latente”. A dominância deve estar tão bem estabelecida que não se pode mais percebê-la.

Alguns anos mais tarde, no início da década de 1970, Thelma Rowell decide não aceitar a posição de marginais à qual haviam relegado seus babuínos. Sim, os babuínos de Ishasha gozam de condições específicas que podem justificar seu desvio, mas é preciso entrar em acordo sobre o que se entende por “condições”: não se trata das condições ecológicas no sentido tradicional do termo, e sim das próprias condições de observação. Em outras palavras, seus babuínos são uma exceção ao modelo apenas porque foram observados em condições que não os forçavam a obedecer a esse modelo.

Rowell, na verdade, retomou todas as pesquisas realizadas antes dela e as comparou entre si.⁵ Conseguiu classificá-las em dois gru-

pos. De um lado, os animais que visivelmente não estão muito interessados na hierarquia, aqueles para os quais foi necessário recorrer ao conceito de dominância latente e sobre os quais se pensava que haviam sofrido pressões seletivas diferentes, por exemplo os babuínos de Ishasha ou, ainda, os excomungados da espécie, como os chacma. De outro, todos os babuínos que se comportaram da maneira esperada pelo modelo, observados tanto em campo como em cativeiro. Duas constantes aparecem. Em todas as pesquisas em cativeiro, os babuínos são muito claramente hierarquizados; na natureza, a dominância emerge de modo evidente nas situações de observação em que os pesquisadores alimentaram os animais para atraí-los. Uma coincidência? Na verdade, não.

As pesquisas em cativeiro são todas calcadas num mesmo modelo. Para estudar a dominância, os cientistas agrupam os macacos em duplas e os colocam para competir por um pouco de comida, por espaço e, até mesmo, pela possibilidade de evitar um choque elétrico. Os dois macacos geralmente são completos estranhos. No primeiro teste, um deles vai ganhar. É o objetivo da manobra. No teste seguinte, o outro antecipará o resultado previsível e, se lutar, não o fará com a convicção necessária. Cada iteração do teste confirmará uma previsão sempre mais confiável, tanto para o experimentador como para os macacos. Com o passar do tempo, na presença do bem desejado ou do choque a evitar, aquele que perdeu toda a esperança vai se afastar e evitar ficar no caminho daquele que se tornou o “dominante”. O fenômeno se repete quando são constituídos grupos. A falta de espaço e de alimento inevitavelmente provoca conflitos entre macacos que não se conhecem e que são reunidos num grupo social cuja estrutura é, de certa forma, determinada pelo próprio mecanismo de cativeiro.

⁵ Ver, por exemplo, Thelma Rowell, “The Concept of Social Dominance”. *Behavioral Biology*, v. 11, 1974, pp. 131–54. Também recorri às entrevistas que ela me concedeu em junho de 2005, conduzidas ao longo de uma pesquisa anterior à realização de um documentário – V. Despret e Didier Demorcy (dir.), *Non Sheepish Sheep*, 2005 –, realizado à época da exposição *Making Things Public: Atmospheres of*

Democracy. Zentrum für Kunst und Medientechnologie (zkm) de Karlsruhe, Alemanha, mar.–ago. 2005.

No campo, as coisas são sem dúvida diferentes. Os indivíduos se conhecem; eles não são, a princípio, submetidos às mesmas limitações. Esquecem-se as limitações da pesquisa, pois, se os pesquisadores atraíram os babuíños com alimento em vez de pela prática da habituação, eles o fizeram, na maioria das vezes, em quantidade insuficiente e concentrada em um único lugar, provocando assim grandes confusões por meio das quais os dominantes eram facilmente identificados. Portanto, os pesquisadores reproduziam, em campo, as condições do cativeiro. O veredito de Rowell será intransigente: a hierarquia só aparece tão bem e só se mostra tão estável nas condições em que os pesquisadores a provocam e a mantêm ativamente.

O modelo, entretanto, continua a impregnar as pesquisas.

Aqui e ali, todavia, babuíños recalcitrantes se manifestam. Os da jovem antropóloga americana Shirley Strum, no Quênia, conhecidos como Pumphouse Gang [Turma da Casa de Máquinas], parecem querer retomar a chama da resistência. Ela chegou à conclusão de que a dominância dos machos é um mito.⁶ Todas as observações convergem: os machos mais agressivos, aqueles classificados nas posições mais elevadas da hierarquia pelo critério dos resultados dos conflitos, são menos frequentemente escolhidos como companheiros pelas fêmeas e têm um acesso muito menor às fêmeas no cio. Contrariando todas as expectativas, o macho em desvantagem num conflito é aquele que será mais bem tratado após sua derrota. Ele goza da atenção das fêmeas receptivas, recebe seus alimentos favoritos, é escovado com frequência. Strum explica que o resultado do conflito mostra que não se trata de um simples problema de dominância ou de acesso aos recursos; essas noções devem ser

⁶ As reações negativas às propostas de Shirley Strum são evocadas em seu livro *Presque Humain*, do qual há várias edições disponíveis. A vantagem da última é o posfácio de Bruno Latour: S. Strum, *Voyages chez les babouins*. Paris: Seuil, 1995.

seriamente questionadas para compreendermos as relações que se estabelecem.⁷

A recepção dessas proposições foi desastrosa. Strum foi acusada de ter observado mal e até mesmo de ter manipulado os dados. “Há, sem dúvida, uma hierarquia entre os machos da Pumphouse Gang”, ela ouvirá repetidas vezes a respeito dos “costas prateadas”⁸ das universidades.

A rejeição brutal dessas pesquisas e o pouco eco dado às críticas feitas por Rowell só evidenciam mais a dificuldade dos pesquisadores de abandonar tal noção. Com Thelma Rowell, pode-se evocar a força do mito na primatologia, oriundo de uma tradição naturalista vitoriana e romântica, em que um macho dominante luta pelas fêmeas, e até mesmo de uma certa forma de antropomorfismo ou “academocomorfismo”: as relações de hierarquia não seriam o que caracteriza, afinal, as relações entre os que mais escrevem a respeito delas?

Pode-se também pensar que as razões dessa predileção um pouco maníaca por tal modelo estão ligadas às ambições, por parte da maioria dos primatólogos, de conferir às suas pesquisas uma base científica segundo uma perspectiva naturalista [→ **Fazer científico**]. A hierarquia constitui, nesse aspecto, um bom objeto. Ela confirma a existência de invariantes específicas, assegura a possibilidade de predições confiáveis e passíveis de serem objeto de correlações e de estatísticas. Mas a concepção de uma sociedade ordenada de

⁷ Uma parte deste texto é inspirada nas análises de S. Strum e Linda Fedigan, sobretudo no capítulo introdutório “Changing Views of Primate Society: A Situated North American View”, publicado no livro que elas organizaram em 2000: S. Strum e L. Fedigan, *Primate Encounters: Models of Science, Gender and Society*. Chicago: University of Chicago Press, 2000. Ademais, este verbete retoma alguns pontos de um artigo escrito sobre a questão: V. Despret, “Quand les Mâles dominaient: controverses autour de la hiérarchie chez les primates”. *Ethnologie Française*, v. 39, n. 1, 2009, pp. 45–55.

⁸ Referência aos gorilas machos adultos cujo dorso vai se tornando prateado com o avançar da idade. [N. T.]

acordo com o princípio da dominância também estaria ligada a uma concepção do social que primatólogos tomaram emprestada da sociologia, segundo a qual a sociedade preexistiria ao trabalho dos atores sociais [→ **Corpo**]. Essa concepção, segundo Bruno Latour, só consegue se impor ocultando o trabalho incessante de estabilização necessário ao ato de fazer sociedade.⁹ A teoria da hierarquia seria uma espécie de imagem congelada. Há certamente muitos testes agressivos entre os babuínos, e testes por meio dos quais eles tentam mostrar quem é o mais forte. Mas, se queremos construir uma relação de ordem, só podemos fazê-lo restringindo o tempo de observação a alguns dias. Uma hierarquia que flutua a cada três dias merece o nome de hierarquia? Uma hierarquia na qual aquele que pode reivindicar a conquista de uma fêmea não é o mesmo que se arroga um acesso privilegiado à comida nem o que decide os deslocamentos do grupo – papel reservado às fêmeas mais velhas dentre os babuínos – ainda pode ser considerada *uma* hierarquia?

No entanto, os termos de hierarquia e de dominância permanecem muito presentes em boa parte da literatura e continuam, para alguns pesquisadores, a ser óbvios. Certamente, eles concordam que “é mais complicado do que isso”. O que não diminui em nada sua obstinação em utilizá-los e em descrever esse tipo de relação [→ **Necessidade**, → **Umwelt**].

O trecho de apresentação da alcateia de lobos que abriu o verbete é prova disso. Tal ideia de hierarquia alimenta ainda os manuais de treinamento dos cães, exigindo que os donos lembrem a seu companheiro, caso este se esqueça, quem é o dominante.

Essa persistência é especialmente surpreendente porque os lobos seguiram, nesse aspecto, o caminho dos babuínos. Nos anos 1930, na sequência dos trabalhos do especialista Rudolph Schenkel, a teoria

⁹ O questionamento da hierarquia entre os babuínos colocado por Bruno Latour insere-se numa crítica geral das teorias que consideram a sociedade como preexistente ao trabalho dos atores. Pode-se encontrá-la em seu site: bruno-latour.fr.

do lobo alfa se impôs. No fim dos anos 1960, David Mech, o grande especialista americano em lobos, retomou-a; ele deu continuidade às pesquisas nessa direção e contribuiu para popularizá-las. No fim dos anos 1990, entretanto, David Mech questionou toda a teoria. Durante treze verões, ele seguiu alcateias no Canadá: o que chamamos de alcateia é na verdade uma família composta de pais e filhos que, ao atingir a maturidade, deixarão essa família para constituir outra. Não há relação de dominância, somente pais que guiam as atividades dos filhos, ensinando-os a caçar e a se comportar direito.¹⁰

A razão dessa disparidade entre as posições teóricas é simples e previsível agora que conhecemos a história dos babuínos: até os treze verões de observação, as pesquisas de Schenkel e de Mech haviam se limitado aos parques temáticos de animais e aos zoológicos, partindo de grupos criados artificialmente que reuniam indivíduos estranhos uns aos outros, confinados em espaços sem escapatória, com comida fornecida pelos humanos. Esses lobos tentam se organizar da melhor forma que podem, apesar do estresse que cada um desses elementos não para de alimentar. Os alfas se arrogam, então, todos os privilégios; os betas se adaptam; os ômegas tentam sobreviver às perseguições incessantes. Eis o espetáculo diário que muitos parques temáticos de animais oferecem.

E é essa a descrição que continua a prevalecer na literatura. A teoria da dominância parece realmente destinada a perdurar enquanto

¹⁰ Sobre a teoria do lobo “hierarquizado”, contei com a ajuda de Mara Corveleyn e Nathalie Vandebussche, que retraçaram a história dessa noção. Sobre as teorias de Schenkel temos: R. Schenkel, “Expression Studies on Wolves: Captivity Observations”. Zoological Institute of the University of Basel, pp. 81–112. O texto não tem data, está indicado apenas que se trata de um trabalho iniciado em 1947. A leitura vale a pena: nele se encontram todas as afirmações teóricas usuais relativas à teoria da dominância. Uma versão datilografada de algumas páginas pode ser baixada na internet: davemec.org. A propósito das pesquisas de Mech, remeto a seu artigo recapitulativo: D. Mech, “Whatever Happened to the Term Alpha Wolf?”. *International Wolf*, v. 4, n. 18, 2008, pp. 4–8.

os humanos permitirem que ela exista e continuarem trabalhando com ela.

Pode-se notar que nada disso se restringe ao campo dos problemas teóricos. Nossas teorias sobre os animais têm implicações práticas, nem que seja apenas por modificarem as considerações que podemos fazer a respeito deles. E isso vai muito além das simples considerações, como atestam os lobos dos parques e as respostas dadas quando alguém se preocupa com os ataques incessantes de que os ômegas podem ser vítimas: "Os lobos são assim mesmo".

A teoria da hierarquia tem o aspecto de uma doença infecciosa cujo vírus pertence a uma cepa muito resistente. Seus sintomas, assim como sua virulência, são facilmente identificáveis e mapeáveis: a doença produz seres determinados por regras rígidas, seres não muito interessantes, que seguem rotinas sem fazer muitas perguntas. E essa teoria contamina tanto os humanos que a impõem quanto os animais a quem ela é imposta.